

Endossustentação para a sustentabilidade

Fausto Antonio de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico, USP; Especialista em Saúde Pública, USP; Mestre em Análises Toxicológicas USP; ex-Coordenador de Toxicologia da CETESB-SP; ex-Professor Titular de Toxicologia da PUC-Campinas; ex-Gerente de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde-BA; ex-Presidente do CEPED-BA, ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais CRA-BA; ex-Superintendente de Planejamento Estratégico do Estado da Bahia. Diretor da Intertox, Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo.

– “*Que gente será esta?*” (*em si deziam*)
“*Que costumes, que leis, que rei teriam?*” –

Luís de Camões, *Os lusíadas*, Estrofe 45, Canto Primeiro

Resumo

O artigo busca desenvolver a tese de que para haver de fato a efetivação de uma sustentabilidade ambiental no planeta (a qual passa pelas sustentabilidades social e econômica) é preciso que haja antes uma *endossustentação* da natureza psíquica humana. Para tanto três abordagens são tentativamente ensaiadas: a teoria das pulsões, a formação das relações objetais e a traição ao pacto do Édipo.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Ecologia. Pulsão de morte. Relações objetais. Psicanálise.

Abstract

This article seeks to develop the thesis that for the enforcement of environmental sustainability on the planet (which passes through the social and economic sustainability) there must be a prior *endossustainability* of human psyche nature. Three approaches are tentatively tested: the theory of pulsions, the formation of object relations and the betrayal of the Oedipus's pact.

Keywords: Sustainability. Ecology. Death instinct. Object relations. Psychoanalysis.

A QUESTÃO DOS MODISMOS

É preocupante quando uma palavra ou uma ideia entram na moda. Modismos dessa natureza acontecem com certa frequência e, aparentemente, têm sido muito mais velozes nesses últimos tempos.

Uma palavra *da* moda ou uma ideia *da* moda caem no gosto popular e são reforçados pela mídia (ou vice-versa) e acabam se aninhando também nas bocas dos mais influentes, nas elites econômicas ou políticas ou acadêmicas ou empresariais, conforme suas conveniências.

A palavra em moda ou a ideia em moda, depois de fixada, prossegue sua evolução e acaba por atingir o *status* de palavra de ordem, conduzindo a uma *ideia* de prioridade ou de obrigatoriedade, sinalizando escolhas que, supostamente, pessoas e comunidades devem fazer.

Há modismos que poderiam ser classificados como gerais, pois perpassam toda ou quase toda a sociedade, seus diversos setores ou segmentos, e há modismos que trafegam mais num tipo específico de setor ou área de conhecimento ou atividade.

Entre os do primeiro grupo, uma rápida incursão nos tempos de um passado recente nos faz lembrar:

- que há 15 ou 20 anos estava em moda o termo *pós-modernidade* (toda a estupefação diante da vida que então se ia estabelecendo, com suas surpresas e intrincamentos, acabava sendo creditada à pós-modernidade);
- que, depois, cerca de dez anos atrás, ingressamos nos modismos *globalização* e *neoliberalismo*: tudo quanto então se passasse e nos afligisse haveria de ter alguma conexão com esses fatos-pensamentos;
- que dois dos mais atuais são o indefectível *politicamente correto* e o *redes sociais*. Este último é um fenômeno que se disseminou brutalmente e sobre o qual muito se fala e ainda pouco se sabe ou se afere. A propósito, o filósofo e psicanalista Luiz Pondé assim se pronunciou: “Basta ver o tanto de bobagens que se fala no Facebook, tipo ‘fui ao banheiro’ ou ‘vomitei’. Além de ‘revoluções diferenciadas’, as redes sociais potencializam a banalidade humana.” (em *Flagelo da classe média*, artigo publicado na Folha de São Paulo dia 25/03/2011)

Dentre os da segunda espécie pode-se fazer uma diversificada divisão. Dos tantos, citemos, por exemplo, apenas os casos da vida das empresas e da preocupação ambiental, em que temos:

- os relacionados à administração empresarial – e aí eles ululam, todos tendo seu tempo e sua glória e muitos tendo coexistido: *terceirização*,

quarteirização, reengenharia, os sizing (downsizing, upsizing, rightsizing), os sourcing (outsourcing, insourcing, rightsourcing), core bussiness, os 7 hábitos das pessoas eficazes, os 7 hábitos das pessoas não eficazes, etc., etc.,

- os vinculados à administração ambiental ou à sua política, que são inúmeros, dentre os quais: *ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável, avaliação de impacto ambiental, avaliação ambiental estratégica, transversalidade, produção mais limpa, análise do ciclo de vida, descarbonização*, e, fiquemos finalmente com o agora pluralíssimo e popularíssimo *sustentabilidade*.ⁱ

O porquê dessas considerações sobre modismos, os pensamentos e ideias na moda, fazendo sucesso, diferenciando as pessoas entre as que falam-pensam e as que não falam-pensam daquela forma é justamente a dúvida de se elas pensam de fato no que falam e no que tais pensares trazem ou significam. E mais ainda: admitindo-se que entendam os significados profundos desses pensares, supondo-se isso, se as pessoas que falam-pensam praticam em verdade o que tais pensamentos na moda veiculam ou apregoam (e entra já aí um elemento de Ética). Sendo mais claro: será que todos os que hoje falam, escrevem, discursam a respeito de *sustentabilidade* sabem o sentido e a dimensão da palavra? **Sabem de suas implicações e restrições atreladas?** Sabem das mudanças comportamentais que ela encerra? E querem isso? Ou, como mais está a parecer, pensam tratar-se tão somente de uma técnica (quase mágica) que basta que os especialistas apliquem e tudo estará resolvido em termos de garantias da qualidade ambiental e da vida – e nós poderemos continuar a viver como o estamos fazendo? Mas quem fala hoje em sustentabilidade? Quase todo mundo, ou todo mundo, e nisso pode residir tanto uma vantagem quanto um perigo: operários, empresários, acadêmicos, pesquisadores, políticos, governantes, jornalistas, comunicadores, publicitários, escritores, atores, religiosos, ambientalistas e até psicanalistas, dentre outros.

Não nos esqueçamos, como nos ensinou numa palestraⁱⁱ o jornalista Rogério Christofolletti, que homens e mulheres “adoram essas palavras da moda, pois ao vocalizá-las, as pessoas se integram aos grupos.”

Como se está delineando (o bom leitor já descobriu), não são as palavras dos modismos propriamente que nos preocupam, isto é, seu significante-significado, como diriam os lacanianos. O mesmo Christofolletti acima referido dizia quanto às palavras: “Elas existem, elas circulam, elas aparecem, entram na moda e depois saem. E é simples. Isso acontece pelo simples fato de que outras palavras entram em cena, tornam-se mais atraentes e invadem o vocabulário do senso comum. A minha queixa é quanto ao uso desmedido, exagerado, instintivo das palavras da moda. A minha preocupação é que é sempre muito tentador aderir a certas palavras que parecem sintetizar um momento, um estado de coisas. O meu receio é nos tornarmos de uma hora para outra em papagaios, mais uma vez.”

Juntamo-nos ao receio dele. É fundado. E ele prossegue: “Eu não temo a repetição, a falação, o eco. O que me amedronta é o efeito colateral dessa atitude.

AZEVEDO, Fausto A. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

Quer dizer, quando a gente apenas repete as palavras, não pensa no que fala e não reflete sobre as próprias palavras, nós simplesmente nos deixamos levar pelo senso comum, pelo automatismo e pela inconsciência.”

Contudo, não basta esse alerta, posto que o modismo pode implicar em consequências muito mais dramáticas do que apenas a massificação de uma fala ou ideia, depurando-a de seu impacto por esvaziar seu significado ao negar-lhe a compreensão devida, restando o significante como um fantasma carcomido. Descomplicando, o que estamos a dizer, é que há sempre o risco que de tanto se falar em sustentabilidade sem se entender sua semiótica, sem praticar sua ética, sem incorporar sua filosofia, ela se esgote em sua revelação impactante e venha a fenececer no horizonte do breve tempo, como é o destino de todas as modas, posto que estas servem somente para dar um sentido fugaz à existência vazia dos não-pensantes e, por isso mesmo, não podem residir nem demoradamente nem profundamente em suas mentes, precisando de uma substituição sempre frenética. O receio é que o momento da sustentabilidade passe sem deixar rastro, nenhum único vestígio a atestar arqueologicamente que um dia houve essa chance...

Num recente pequeno artigo denominado *A comunicação da sustentabilidade*ⁱⁱⁱ, tivemos a oportunidade de expor mais algumas ideias a respeito. Comentamos o texto de Ricardo Voltolini, *Onze tendências de comunicação da sustentabilidade*^{iv}, que questiona a respeito de *Como as empresas estão comunicando a sustentabilidade no mundo?* Este mesmo autor responde, a partir do emprego de uma metodologia apropriada, com destaque para onze tendências de comunicação, que são: 1) *Consumidores exigentes, mais comunicação*; 2) *Inovação puxa comunicação de produtos*; 3) *A velha história da lição de casa primeiro*; 4) *Mensagem valoriza desempenho do produto, o bolso do consumidor e a contribuição para o planeta. Tudo ao mesmo tempo*; 5) *Simple é melhor*; 6) *Verificação externa funciona como avalista*; 7) *Natural em alta*; 8) *Redes sociais, aí vamos nós*; 9) *Preferindo o todo, em vez das partes*; 10) *O que focam as mensagens*; 11) *Marcas sustentáveis mobilizam consumidores, empregados e parceiros*.

Trata-se, indiscutivelmente, de uma espécie de novo *decálogo*. Decálogo tanto no sentido moral quanto no litúrgico. Há alguns milhares de anos atrás, uma então incipiente civilização humana de fato necessitava de um código de conduta, até de alguma rigidez, para bem se sair em seu desafio por uma viabilização da espécie, espécie social, no planeta. Este planeta, naquele então, era virgem e vigoroso, pleno de formas, cores e saúde, aparentemente inatingível por qualquer ação antrópica. Ainda que decaído em relação ao suposto paraíso original era, em si, um paraíso...

Porém, as épocas voaram. Houve tempo suficiente para se acumular uma inteligência criadora, o que, aliás, em muitas áreas aconteceu, como na literatura, na poesia, na música, nas belas artes. Contudo, parece que na economia e na administração, passando por aí a Ciência e Tecnologia, o mesmo não se deu. Bradarão, ofendidíssimos, muitos, mas se isso não fosse verdade certamente não estaríamos vivendo hoje uma situação definitivamente crítica quanto aos recursos naturais do planeta, sua ecologia e garantias de manutenção sustentável.

AZEVEDO, Fausto A. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

Então, mais do que aquelas boas onze regras do Voltolini, mais do que a tábua dos mandamentos, precisamos de robustas ideologias. Desde 1962, apenas para se fixar um início^v, com o agora (con)sagrado livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, passando depois por importantíssimos marcos como o do Clube de Roma (1968) e a posterior publicação de *Os limites do crescimento*^{vi}, e o acontecimento da reunião da ONU em Estocolmo, sobre o Ambiente Humano^{vii}, que se fez subordinada ao tema "o homem e seu meio: as bases de uma vida melhor" (ambos em 1972); as Convenções de Berna^{viii} sobre a *Vida Selvagem e os Habitats Naturais na Europa* e a de Genebra^{ix} sobre Poluição Atmosférica (ambas de 1979); o Protocolo de Helsinque sobre Qualidade do Ar (1983); a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1984); o protocolo de Montreal^x sobre substâncias destruidoras da camada de ozônio e a publicação do relatório *O Nosso Futuro Comum*^{xi}, da Comissão Brundtland da ONU (ambos em 1987); o *Livro Verde da Comissão sobre o desenvolvimento da normalização europeia: ações para uma integração tecnológica mais rápida na Europa* e o *Livro Verde sobre o ambiente urbano: comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento* (ambos de 1990) e sua sequência^{xii}; os acordos decorrentes da reunião da ONU no Rio, a afamada Eco 92^{xiii} (1992); a criação da Agência Ambiental Européia^{xiv} (1994); o Protocolo de Kyoto^{xv} sobre o aquecimento global (1997); a reunião da ONU em Joanesburgo^{xvi} (2002); e o novo encontro da ONU sobre Desenvolvimento sustentável, a Rio+20^{xvii}, que ocorrerá no Rio de Janeiro, de 4 as 6 e junho de 2012; até formulações filosóficas, como as apresentadas, dentre outros, por Arne Naess e por Felix Guattari, o tema desafiante do viver sustentável tem-se imposto.

Assim, é muito importante e agradável acreditar verdadeiramente que a sustentabilidade: (i) veio para ficar, (ii) é inerente à continuação da vida no planeta, (iii) é sinal de amadurecimento da inteligência e da cidadania humanas, (iv) pertence à classe empresarial, a governos e à sociedade em seu todo, (v) está acima de blocos econômicos e de países, (vi) está acima de religiões e de partidos políticos, (vii) envolve todos os aspectos dos impactos ambientais de causação humana (desmatamentos, assoreamentos, mudanças físicas dos ambientes, desertificação ocasionada, contaminação química e biológica, etc. etc.) e sua corrente precedente de origem (consumismo exacerbado, acumulação de riqueza e poder, etc.), (viii) é fortemente reeducadora e, por isto, demanda desde já o replanejamento estratégico de ações educacionais e de estudos em ciência e tecnologia, pesquisa & desenvolvimento, (ix) implica numa nova atitude participativa e democrática, assegurado o amplo e universal direito à informação, em todos os níveis, (x) propõe o rompimento com as tradicionais práticas de consumo até aqui vistas, e (xi) coloca mais em voga o biocentrismo e a ecosofia.

A QUESTÃO DE NOSSA ESTRUTURA PSÍQUICA

Em trabalho anterior^{xviii} procurou-se investigar, preliminarmente, conexões possíveis entre a estrutura psíquica humana e as formas comportamentais da sociedade atual que implicam tão definitivamente numa agressão ao patrimônio

ambiental global, isto é, os subterrâneos da psique que podem justificar as atitudes presentes de extremo e alienado consumismo (que exigem uma exploração desmedida dos recursos naturais) e de descaso mesmo para com a conservação e a preservação ambientais.

A elaboração por Sigmund Freud da teoria das pulsões chamou-nos a atenção e tentamos explorar uma provável comunicação entre tal energia impulsiva e nosso hábito coletivo contemporâneo de alienação e irresponsabilidade diante do quadro evidente das fragilidades ambientais em escala planetária.

Os pensamentos do psicanalista Félix Guattari, dentre outros aquele sobre as três ecologias, também prenderam nosso interesse. A necessidade de se considerar e se investir numa ecologia mental parece-nos extremamente apropriada e urgente.

Nossos problemas ecológicos maiores, ainda que começados sob a égide da modernidade (seja a sólida seja a líquida), se associam diretamente com a cultura contemporânea antropocêntrica e as subjetividades nela (a partir dela) formatadas e suas repercussões no pós-moderno. A civilização atual tem provocado sérias mazelas ao ambiente na Terra e a si mesma. Mas ela faz isso em decorrência do seu modo de ser, pensar, agir. As causas desse seu modo operante de ação podem vir de épocas muito anteriores à história moderna, passando pela profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica. Somos portadores de instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos distanciam da boa vontade para com a vida e a natureza. É na intimidade da mente humana que nascem os processos que terminam por nos conduzir a uma luta de domínio e destruição contra a Terra, calcados que estamos, simultaneamente, no antropocentrismo e no egocentrismo.

A mídia mundial procura agir técnica e cirurgicamente no profundo de nossa psique, criando ou induzindo medos e vontades que venham a gerar práticas comportamentais desejáveis de opinião e de consumo. Se esse raciocínio for procedente, está então a psicanálise instalada no centro de todas as tensões sociais atuais, mormente aquelas da dialética produção-consumo e seus efeitos colaterais; está instalada na base de nossas motivações comportamentais correntes e, assim, tem “tudo a ver” com o grau de impactos ambientais que causamos para atender nossos imperativos da busca de prazer.

A atual sociedade pós-moderna pode ser caracterizada como do espetáculo e de uma *cultura do narcisismo* (Lash^{xix}). Em tal sociedade o poder, independentemente da inclinação ideológica, instala o espetáculo para se perpetuar em sua situação de privilégio. A realidade é totalmente escamoteada pela mídia e pela propaganda, onipresentes e oniscientes, muitas vezes apenas para vender ilusões e mistificações. Tal *sociedade do espetáculo*, ao dificultar (escamotear) o acesso à realidade, fomentando sistematicamente ilusões, negando a *castração simbólica*, dá margem ao que muitos chamam de novas formas de subjetivação, como os novos transtornos de caráter, os transtornos de ordem narcísica, as personalidades *borderlines*, e os

transtornos alimentares que são, por sua vez, novas versões das históricas dos tempos freudianos.

Esse o confuso e preocupante quadro que se apresenta: formas novas e tumultuadas de subjetivação, massificação extenuante do apelo ao consumo, aumento do controle da sociedade pelo estado tecnológico e invasivo, insensibilidade para com o outro, as minorias e o meio ambiente. Sem qualquer dúvida, a discussão da questão ambiental, talvez muito apropriadamente feita por especialistas das ciências e da natureza na ocasião dos anos 1960 e 1970, já não é mais uma questão apenas desses especialistas e sim de sociólogos, antropólogos, historiadores, filósofos, teólogos e psicanalistas!

Primeira hipótese – As pulsões

O texto de Freud, de 1930, *O mal-estar na civilização*^{xx}, questiona agudamente a capacidade das sociedades modernas de controlar suas pulsões destrutivas. Tentamos ler, como que fazendo um contraponto mental, este texto freudiano e o de Guattari, *As três Ecologias*^{xxi}.

Devemos nos lembrar sempre de que a intensidade com que hoje exploramos nossos recursos naturais dá-se em dimensão nunca antes acontecida na história da humanidade e assim se faz só por conta dos muitos progressos em ciência e tecnologia que permitiram isso. Todavia é também contra o próprio bem individual, mental, social e cultural que o chamado progresso tecnológico tem disparado ameaças. Tudo faz crer que estamos falindo em nossa capacidade de uso inteligente, ético e socialmente justo dos avanços científicos e tecnológicos. Quanto a isso, insiste Guattari:

Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos. Não só não constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos técnico-científicos e o desenvolvimento dos progressos sociais e culturais, como parece evidente que assistimos a uma degradação irreversível dos operadores tradicionais de regulação social.^{xxii}
(grifo nosso)

O mal-estar na civilização enfoca o antagonismo (irremediável) entre as exigências da *pulsão*^{xxiii} no indivíduo e as restrições que contra ela a civilização impõe (relação vista por Freud como um conflito de ordem estrutural, destinado a não ser ultrapassado). *O mal-estar* que Freud menciona é intrínseco à própria cultura ou estrutura da sociedade e está conosco desde a origem do que conhecemos como cultura. Ele não tem uma causa externa e por isso não se resolve com mais cultura^{xxiv}. Na página 116 da citada obra lê-se:

*O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, **são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade.** Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo.^{xxv} (grifo nosso)*

Assim, nota-se que dentro do caldeirão da psique humana há forças (negativas) poderosas dispostas a gerar diferentes formas de ataques e destruição. E Freud acabou por relacionar essas forças destruidoras à questão da sexualidade. A palavra sexualidade comparece várias vezes no texto de *O mal-estar na civilização*. Freud a caracteriza como fonte (abastecimento) de energia psíquica para a civilização e vincula o ego à libido:

*O decisivo passo à frente consistiu na introdução do conceito de narcisismo, isto é, a descoberta de que **o próprio ego se acha catexizado pela libido, de que o ego, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general.** Essa libido narcísica se volta para os objetos, tornando-se assim libido objetal, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. (...) Não foi necessário abandonar nossa interpretação das neuroses de transferência como se fossem tentativas feitas pelo ego para se defender contra a **sexualidade**, mas o conceito de libido ficou ameaçado. **Como os instintos do ego também são libidinais, pareceu, por certo tempo, inevitável que tivéssemos de fazer a libido coincidir com a energia instintiva em geral**, como C. G. Jung já advogara anteriormente. Não obstante, ainda permanecia em mim uma espécie de convicção, para a qual ainda não me considerava capaz de encontrar razões, de que **os instintos não podiam ser todos da mesma espécie.** Meu passo seguinte foi dado em *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920g), quando, pela primeira vez, a compulsão para repetir e **o caráter conservador da vida instintiva atraíram minha atenção.** Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que, **ao lado do instinto para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outro instinto, contrário àquele, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta a seu estado primevo e inorgânico.** Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também um instinto de morte. Os fenômenos da vida podiam ser explicados pela ação concorrente, ou mutuamente oposta, desses dois instintos. Não era fácil, contudo, demonstrar as atividades desse suposto instinto de morte. As manifestações de Eros eram visíveis e bastante ruidosas. Poder-se-ia presumir que o instinto de*

morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova. Uma idéia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade. Dessa maneira, o próprio instinto podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (self).^{xxvi} (grifos nossos)

No começo do tópico VI de outra obra, *Mais além do princípio do prazer*, Freud escreve:

A essência de nossa investigação até agora foi o traçado de uma distinção nítida entre os ‘instintos do ego’ e os instintos sexuais, e a visão de que os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida.^{xxvii} (grifo nosso)

A partir de múltiplas considerações a respeito de uma biologia da vida e da morte, Freud aprimora sua concepção de dois conjuntos antagônicos de forças atuando dentro de nós: as pulsões da vida (ou sexuais) e as pulsões da morte (ou do ego). Numa determinada altura de *Mais além do princípio do prazer* Freud afirma:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte.^{xxviii}

Para Freud, na criança pequena, que ainda não desenvolveu seu aparelho psíquico, o excesso de excitação aparece como experiência traumática, insuportável para o psiquismo, que tenta resolvê-lo por meio da destruição. A pulsão de morte teria o papel de apaziguar a desorganização provocada pela libido excedente não ligada. O princípio de prazer, que busca reduzir, manter constante ou remover a tensão interna provocada pelos estímulos, e o princípio de nirvana que busca a descarga total e imediata das excitações, seriam os fatores que regem as pulsões de morte em sua luta contra a tensão provocada pelas pulsões de vida.

Assim, parece não haver dúvida quanto ao surgimento e ao desenvolvimento na mente humana de uma pulsão de morte. Interessa investigar *se* e *como* nossos instintos do ego, buscando um retorno a estágios muito anteriores em sua origem, quando seus níveis de energia e, portanto, de tensão, seriam muito menores, seguindo seu conservadorismo, projetam para fora de nós, para os seres animados e inanimados do exterior, sua agressividade e, com isso, produzem uma destruição niilista da natureza e da vida. E como tal dinâmica interage com as pulsões de vida e a sexualidade, algo que já referimos alguns parágrafos atrás, sabendo o grau de

complexidade que há para se estabelecer tais correlações, devido à grande dificuldade para se isolar as variáveis e caracterizá-las em estado puro, por conta de suas permanentes nuances e de certa forma de interpenetração de características e propriedades, conforme também discute Suelena Werneck Pereira no início do tópico das conclusões de sua tese de doutorado *As pulsões de morte e seus derivados: os avatares da teoria*.^{xxix}

A pulsão de morte e sua destrutividade associada (embora sob questionamentos ou reformulações, como a recentemente apresentada por André Martins^{xxx}), independentemente se voltada para o próprio indivíduo, posto que é voltada contra a vida, e a incapacidade de formar relações sociais serenas, estáveis, construtivas, com tudo o que disso decorre, inclusive uma atitude de desleixo e má vontade para com o discurso ambiental honesto (como agora mesmo tem-se visto por conta da rumorosa questão da proposta de um novo código florestal brasileiro), bem poderão ser explicações (que isto seja mais investigado) de caráter estrutural para uma personalidade pós-moderna que se vai incompatibilizando com o carinho e o cuidado para com a sociedade e o meio ambiente.

Segunda hipótese – As relações objetais

René A. Spitz, em seu livro *O primeiro ano de vida*^{xxxi}, aborda a *formação do objeto* na estruturação do aparelho psíquico da criança, destacando, nos capítulos iniciais *O estágio não-objetal* (capítulo 3) e *O precursor do objeto*. (capítulo 5). Ao longo de todo o texto o autor nos esclarece a respeito da importância das perfeitas relações objetais (iniciais, filho-mãe) para a constituição do eu e para a saúde psíquica do indivíduo.

Spitz, cuja forma de pensar e trabalhar alinha-se à integração da psicanálise com a psicologia genética (conforme Elisabeth Roudinesco e Michel Plon em seu *Dicionário de Psicanálise*^{xxxii}), mostra que cada idade é portadora de uma estruturação específica, resultante de estádios precedentes, e sucede a eles. Ele fará uma **aproximação entre relações objetais e relações sociais**.

Relações objetais ou relações de objeto são expressões usadas “com muita frequência na psicanálise contemporânea para designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa” (conforme o Vocabulário da Psicanálise^{xxxiii}). Tal expressão não é comum em toda a obra freudiana e o próprio Spitz, no referido livro, informa que, ressaltando-se uma passagem em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), na qual se consideram as relações mútuas entre mãe e filho, Freud considerará o objeto libidinal apenas sob a óptica do sujeito (investimento, escolha do sujeito).

No capítulo 16 de seu livro, o da *Conclusão*, Spitz desenvolve uma visão bastante social para aplicação de seus estudos e achados. É o próprio autor que escreve:

AZEVEDO, Fausto A. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

*Este estudo levanta inúmeras outras questões em que apenas toquei, ou que ignorei de todo. Uma dessas questões é o significado sociológico dessas descobertas. Nos parágrafos iniciais deste livro, mencionei que **as relações objetais são fundamentalmente relações sociais**. Não posso concluir sem fazer um breve comentário sobre as primeiras relações objetais, vistas da perspectiva sociológica e histórica.*

*Qual é o significado, para a estrutura social, das primeiras relações objetais? Freud esboçou a resposta em seu livro *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (1921). Baseando-se nos fenômenos da hipnose e do amor, Freud formulou o conceito de uma “multidão de dois” (mass of two), **cuja origem ele atribuiu à relação mãe-filho**. Deixou claro que a relação transitória entre hipnotizador e hipnotizado é o protótipo da relação do grupo com o líder.*

*Todas as relações humanas posteriores com qualidade objetal, a relação de amor, a relação hipnótica, a relação do grupo com o líder, e finalmente, **todas as relações interpessoais têm sua origem na relação mãe-filho**. Portanto nossa pesquisa proporciona um ponto de partida para a compreensão das forças e condições que fazem do homem um ser social. Nesta constelação de forças e condições, os afetos e trocas afetivas passam a ter um significado central. **A capacidade do ser humano para estabelecer relações sociais é adquirida na relação mãe-filho. É através desse relacionamento que se consegue a canalização das pulsões fundidas no objeto libidinal e se estabelece o modelo para todas as relações humanas posteriores.**^{xxxiv} (grifos nosso)*

Um pouco adiante Spitz aprofunda:

(...) nossa sociedade ocidental passa por mudanças relativamente súbitas de condições sociais, em consequência de transformações econômicas, ideológicas, tecnológicas e outras. Tais transformações, impostas arbitrariamente, e muitas vezes subitamente, modificam, entre outras coisas, o quadro das relações mãe-filho. No decurso dos últimos três séculos, fomos sujeitos a, pelo menos, duas transformações fundamentais deste tipo:

1. A desintegração progressiva da autoridade patriarcal como uma consequência da introdução do Protestantismo (Spitz, 1952).

*2. A **rápida deterioração da relação mãe-filho**, iniciada há cerca de um século, que começou com o advento da industrialização da produção. A mudança correspondente na ideologia abriu caminho para recrutar a mãe para o trabalho nas fábricas, de tal modo que ela foi afastada da família e de suas atividades domésticas (...).*

Esses dois tipos de transformações, a desintegração da autoridade patriarcal e a ausência da mãe, combinaram-se e prepararam o cenário para uma rápida desintegração do modelo tradicional da família em nossa sociedade ocidental. As conseqüências são reveladas nos problemas cada vez mais graves de delinqüência juvenil e no crescente número de neuroses e psicoses na sociedade ocidental adulta.^{xxxv} (grifo nosso)

E, finalmente, vamos juntos com o autor para o importante arremate:

Sob o aspecto social, as relações objetais perturbadas no primeiro ano de vida, sejam elas desviadas, impróprias ou insuficientes, têm consequência que colocam em risco a própria base da sociedade. Sem um modelo, as vítimas de relações objetais perturbadas apresentarão, subsequentemente, deficiência na capacidade de relacionar-se. Não estão equipadas para as formas mais adiantadas, mais complexas de intercâmbio pessoal e social, sem as quais nós, como espécie, seríamos incapazes de sobreviver. (...) Sua capacidade para relações humanas e sociais normais é deficiente; eles nunca tiveram a oportunidade de experimentar relações libidinais e de conseguir o objeto anaclítico de amor. (...)

*Tais indivíduos serão incapazes de compreender – e sobretudo de descobrir e de partilhar – os vínculos intrincados e cheios de nuances das relações que nunca tiveram. As relações que eles são capazes de formar mal alcançam o nível de identificação e dificilmente vão além disso, porque eles nunca foram capazes de realizar a relação primeira, a mais elementar, a relação anaclítica com a mãe. A indigência dessas crianças traduzir-se-á na aridez das relações sociais do adolescente. **Privados do alimento afetivo que lhes era devido, seu único recurso é a violência. O único caminho que permanece aberto para eles é a destruição de uma ordem social da qual são vítimas. Crianças sem amor terminarão como adultos cheios de ódio.***^{xxxvi} (grifos nosso)

O raciocínio de Spitz, a partir de seus estudos psicanalíticos e de seus achados em clínica e experimentais, explicita um quadro de formação (quase fabricação pela nossa sociedade atual) de seres humanos que, falidos em sua chance inicial de desenvolver adequadas relações objetais, por conta, principalmente, do sequestro de suas figuras maternas, muito provavelmente determinado por alterações sócio-econômico-ideológicas da estrutura da sociedade em que as mães viviam/vivem, tornam-se incapazes de estabelecer, quando na vida adulta, relações pessoais e sociais de qualidade. Podemos subentender relações dotadas de limites, de respeito, de valor ético, de cooperação e amor construtivo.

Assim, se é verdade que agora estamos a formar contingentes expressivos desses ‘novos’ seres humanos, sujeitos construídos de uma forma (nova) diferente em comparação ao passado até então visto, um novo tipo de subjetivação, então também poderá ser verdade que os mesmos, ao ocuparem socialmente postos e papéis de formação de opinião e de decisão governamental e empresarial, não saberão agir em benefício do ganho social nem do ambiental, posto que muito pouco ou nada entenderão de uma relação sadia e produtiva com o(s) outro(s).

Claro está que existe uma distância interposta entre aqueles casos isolados de indivíduos que por esse processo antes mencionado, ou melhor talvez, produtos já desse modelo da ausência (física ou de qualidade) de mãe e pai “ideais” (quando cotejado ao como se dava nos moldes anteriores), tornar-se-iam precários na sua

AZEVEDO, Fausto A. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

capacidade de estabelecer relações sociais adequadas, desenvolvendo dificuldades ou carências psíquicas e/ou sociais em consequência disso, e a generalização de que toda uma sociedade poderia estar padecendo simultaneamente de tal quadro. Entretanto, a forma por onde temos caminhado, o noticiário de tragédias (individuais) sociais e ambientais quase diariamente exposto pela mídia, as maneiras (solitárias) atuais de interação social, o comportamento cada vez mais frio e remoto de governos e de grandes organizações econômicas, procurando “fugir” seja do povo seja do cliente/consumidor, etc., parecem mais do que vaticinar, provar, que essa realidade, de fato, não só está a vir, bem como produz já suas formas de psicopatologia específicas.

Uma terceira via – ordem psíquica e pactos traídos

Retome-se um texto de 1983, do psiquiatra e psicanalista Hélio Pellegrino, chamado *Pacto edípico e pacto social - da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira*^{xxxvii}. Nele, Pellegrino aborda o Édipo “de um ponto de vista psicanalítico”, destacando de saída um “curiosíssimo problema”:

Édipo personagem herói legendário, dentro de uma ética estritamente freudiana, não sucumbiu ao seu complexo de Édipo. Ele foi vítima – e achou-se tragicamente preso – de vicissitudes pré-edípicas. Não nos esqueçamos dos dois marcos fundamentais da vida de Édipo: Tebas e Corinto.

O mito grego é sobejamente conhecido. Édipo deixa Corinto, desliga-se dos pais que o amaram e criaram, e que o haviam preparado para sua liberdade. Contudo, fica atado aos pais (biológicos) de Tebas, que “o haviam votado à morte”. Com estes se consumou a tragédia. Édipo não recebeu um nome de seus pais ao nascer e foi por eles condenado à morte, posto que o pai biológico, Laios, intentava se proteger do terrível veredicto do oráculo.

A mãe, Jocasta, o entregou a um pastor para ser morto. Este, apiedado, furou-lhe os pés e o atou, com uma corda, a uma árvore (Édipo = *oiden pous*: o que tem os pés inchados). Mas Édipo ficou amarrado à mãe, como um naufrago se agarra à sua tábua de salvação. Pellegrino reflete que o desamor da mãe ao recém nascido corresponde ao naufrágio deste. Pode-se sobreviver e, embora a odiando, jamais se arrancará da mãe que o rejeitou. Na lenda, um pastor de Corinto, de passagem, viu o pequeno Édipo, ligado à árvore, e o resgatou, cortando a corda que o amarrava. Para Pellegrino

Esse pastor desempenhou, em termos psicanalíticos, a função maiêutica do pai. Ele cortou o cordão umbilical que o ligava a árvore-mãe. O pai ajuda, de maneira decisiva, a partejar a subjetividade do filho, permitindo-lhe desfusionar-se, diferenciar-se da mãe.

Em Corinto, Édipo é acolhido por Políbio e Mérope, que não tinham filhos, e por eles foi criado como legítimo, nada suspeitando de sua origem. Só quando adulto

soube, por um bêbado num banquete, de sua tenebrosa história e, buscando escapar da profecia, abandonou Corinto. Para Pellegrino:

Ele conseguiu fazê-lo, já que não estava atado aos pais que respeitaram e amaram. O amor é condição necessária – e suficiente – da liberdade.

Mas, como conhecemos, durante a viagem Édipo comete o parricídio. Indo em frente, tem notícias, nas proximidades de Tebas, de que a Esfinge desafiava, com um enigma, os que por ela passassem, devorando quem não o decifrasse. Édipo soluciona o enigma e, por isso, tem como prêmio a mão de Jocasta, viúva de Laios, tornando-se rei de Tebas. Pellegrino nos adverte:

É curioso notar que Édipo recebeu Jocasta como troféu, sem sequer conhecê-la. Com isso fica caracterizado o vínculo arcaico que o liga à mãe, anterior a uma verdadeira escolha de objeto. A destruição da Esfinge, por sua vez, corresponde à derrota da imago da mãe má rejeitadora, devoradora e filicida. Temos aí uma cisão da figura materna – de Jocasta, portanto – e a derrotada imago da mãe aterradora e perseguidora. Foi graças a esse mecanismo de defesa que Édipo conseguiu casar-se com Jocasta depois de ter matado Laios.

Pellegrino segue seu raciocínio pela via freudiana. Segundo Freud, entre três e cinco anos a criança alcança a organização fálica (ou genital infantil) de sua libido. A excitação sexual, no menino, organiza-se em torno do pênis, que recebe notável valorização narcísica. Na etapa fálica da evolução libidinal o menino deseja sexualmente a mãe – e odeia o pai, um rival que lhe impede a satisfação da paixão incestuosa. O menino quer possuir a mãe, sexualmente, e quer matar o pai como rival e como representante da Lei da Cultura. Ele peleja contra a interdição do incesto que o aparta da mãe. O Édipo representa a etapa final de um progressivo processo de separação da mãe: (i) corte do cordão umbilical, (ii) desmame e (iii) proibição do incesto. Portanto, obriga-nos à superação da infância, a superar a dependência da mãe e o desejo que sentimos por ela.

Como o menino supera seu complexo de Édipo? De acordo com Freud, inicialmente pelo medo que desenvolve da castração. E aqui se articulam o complexo de Édipo e o complexo de castração, de importância central no pensamento psicanalítico. O menino descobre, na fase fálica, a diferença anatômica dos sexos e passa a ter medo de ficar sem seu pênis, como castigo imposto pelo pai, em virtude de seus impulsos incestuosos e parricidas. À fantasia de castração corresponde também um dos fantasmas originários, aos quais Freud atribui dimensão filogenética, arquetípica. O medo da perda do pênis – filogeneticamente condicionado – obriga o menino a recuar: ele abandona (no mecanismo ideal) seu projeto incestuoso **em troca de** manter seu pênis. Internaliza a proibição do incesto e se identifica com os valores paternos. Pellegrino comenta:

Dessa forma, cumpre uma etapa fundamental que o prepara no sentido de se tornar sócio da sociedade humana.(grifo nosso)

e reflete quanto à importância do Édipo para a relação do ser humano com a lei, comentando:

Não há dúvida de que a Lei, para ser respeitada, precisa ser temida. Nesse sentido, para a resolução do Édipo, é necessário o temor à castração segundo a concepção freudiana. Uma lei que não seja temida – que não tenha potência de interdição e de punição – é uma lei fajuta, impotente. No entanto, o temor à lei, sendo necessário, é absolutamente insuficiente para fundar a relação do ser humano com a lei. Uma lei que se imponha apenas pelo temor é uma lei perversa, espúria – lei do cão.

Só o amor e a liberdade, subordinando e transfigurando o temor, permitem uma verdadeira, positiva e produtiva relação com a lei. A autêntica aceitação de interdito do incesto, de modo a torná-lo nódulo crucial capaz de estruturar uma identificação posterior com os ideais da cultura, só é possível na medida em que a criança seja amada e respeitada como pessoa na sua peculiaridade pelo pai e, antes dele, pela mãe. É o amor materno que funda a personalidade para que a criança vença a angústia de separação, tornando-se um ser outro em respeito à mãe.

*(...) O Édipo é a Lei do desejo. **À Lei do desejo pode e deve corresponder um desejo da Lei.** A Lei existe sob a égide de Eros. Ela é, portanto, um produto erótico, está na base do processo civilizatório, desde sua origem, na raiz do esforço individual e coletivo no sentido da hominização e da humanização do ser humano. Existe uma plena possibilidade de se desejar a Lei e o terceiro termo paterno – a metáfora paterna – que o representa. (grifo nosso)*

Civilizar, para Freud, implica renunciar às pulsões, seja a erótica seja a agressiva. Civilizar é reprimir ou suprimir, como assinalado no antes referido *O Mal-estar da Civilização*. Assumindo-se como verdadeira essa premissa, poder-se-ia inferir que quanto ao necessário cuidado ambiental esperado do ser humano para com a natureza, nossa capa civilizatória tem estado rota, ou melhor, talvez nunca tenha sido adequadamente cosida. Parece que não nos civilizamos o suficiente, no controle de nossas pulsões, a ponto de impedir o extravasamento destrutivo das energias insatisfeitas. Provoca-nos Pellegrino:

Entretanto, a intensidade e a violência da repressão – ou da supressão – irão depender não apenas das necessidades intrínsecas ao próprio processo civilizatório, mas da intensidade da luta de classes que nele se desenvolve. Freud não foi bastante lúcido nesse sentido. Ao analisar a sociedade capitalista, que tomou como modelo, não se deu conta de que nela a intensidade da repressão existe não apenas em função das exigências do processo civilizatório, mas da injustiça social, que é preciso garantir e manter pela força.

formando o pacto... rompendo o pacto

A criança, na vicissitude edípica, tem que renunciar às suas pulsões incestuosas e parricidas. Abrir mão, portanto, da onipotência do seu desejo e do princípio do prazer, adequando-se ao princípio de realidade. Tal renúncia se faz em nome do temor, subordinado ao amor. **A solução do complexo de Édipo implica um pacto – uma aliança – com o pai e com a função paterna.** Ora, num pacto, sob a égide da concórdia, ganham os dois lados: no Édipo, com o acordo, ganha a sociedade, representada pelo pai e pela família e tem que ganhar também a criança. O pacto edipiano implica mão dupla. A criança perde, mas ganha. A criança obtém do Édipo as ferramentas essenciais para construir-se como sujeito humano. Com isto, **ela ama e respeita o pacto que fez e**, nesta medida, fica preparada para identificar-se com os ideais e valores da cultura à qual pertence.

Para Pellegrino

O pacto com a Lei da Cultura – ou Lei do pai – é a tarefa primordial da criança na primeira etapa do seu desenvolvimento psicosexual. Transposto o Édipo e suas vicissitudes, cheias de som e fúria, a criança entra no período de latência e nele inicia o processo de aquisição de uma competência pela qual, no futuro e por meio do trabalho, irá contribuir para a construção e a transformação da vida social. A Lei da cultura representa, por assim dizer, o batismo do ser humano, a marca da passagem que o faz ingressar, como postulante ou neófito, no círculo de intercâmbio social. O Édipo e a linguagem, que são estruturalmente articulados, representam os grandes veículos de socialização da criança.

*Na idade adulta, ao pacto com a Lei da Cultura – centrado em torno da renúncia – e aos impulsos sexuais, acrescenta-se um **pacto social**, estruturado em torno da questão do trabalho. O trabalho é o elemento mediador fundamental, por cujo intermédio, como adultos, nos inserimos no circuito e intercâmbio social, e nos tornamos de fato e de direito - sócios plenos da sociedade humana. O pacto social sucede – e se articula – com o pacto sexual. Ele confirma e amplia a aliança com a Lei primordial. Ele está para a Lei assim como a crisma está para o batismo, na religião cristã.*
(grifo nosso)

O pacto com a Lei do pai prepara e torna possível o pacto social. Se a Lei da Cultura é um pacto e conduz a deveres e direitos, **tendo mão dupla**, sem o que o pacto fica invalidado em sua estrutura, **também o pacto social implica direitos e deveres e tem, necessariamente, mão dupla, sem o que não conseguirá se sustentar.**

Hélio Pellegrino assinalará, numa visão antropológica, que o pacto primordial prepara terreno para outro pacto, essencial na estruturação das sociedades produtivas:

O pacto primordial prepara e torna possível um segundo pacto, em torno da questão do trabalho. O primeiro pacto garante e sustenta o segundo, mas este, por retroação, confirma ou infirma o primeiro. O pai é o representante

*da sociedade junto à criança. **A má integração da Lei da Cultura, por conflitos familiares não resolvidos, pode gerar conduta anti-social.** Uma patologia social pode também ameaçar, ou mesmo quebrar, o pacto com a Lei do Pai. (grifo nosso)*

Assim como a aceitação da Lei da Cultura tem que abrir, para a criança, a possibilidade de ganhos fundamentais, assim também o pacto social não pode deixar de criar, para o trabalhador, direitos inalienáveis.

Para Pellegrino:

Se o pacto social tem mão única, se os direitos do trabalho são desrespeitados e aviltados, ele pode romper-se, implicando gravíssimas consequências. A sociedade só pode ser preservada e respeitada pelo trabalhador na medida em que o respeite e o preserve.

Se o trabalhador for desprezado e agredido pela sociedade, tenderá a desprezá-la e agredi-la até atingir um ponto de ruptura. Na melhor das hipóteses, essa ruptura poderá levar o trabalhador a tornar-se um revolucionário. Ele rompe com a sociedade não para atacá-la cegamente, mas para transformá-la revolucionariamente, por meio da ação de massas. Em tal caso, a ruptura com o pacto social não chega a provocar a ruptura com a Lei da Cultura – ou Lei do Pai. Apesar da injustiça social, ou melhor, por causa dela, o revolucionário se apóia nas melhores e mais altas tradições e virtudes libertárias do seu povo. Nessa medida, mantém-se fiel ao seu Ideal de Eu e preserva, com isto, a aliança com o Pai simbólico.

*Tal hipótese é a melhor das hipóteses. Examinemos a pior delas – com frequência a mais frequente. O pacto com a sociedade, como ficou visto, é preparado e caucionado pelo pacto primordial. A renúncia edípica prefigura e torna possível a renúncia posterior, exigida pelo trabalho. Se o pacto social é iníquo, e avilta o trabalho, ele vai aviltar e **tornar iníqua a renúncia pulsional** por ele próprio exigida. O amor ao trabalho só é possível na medida em que os direitos do trabalhador sejam minimamente respeitados. Se isto não ocorre, há uma ruptura do pacto social. O trabalho torna-se sem sentido, aviltante e humilhante, tanto quanto o sacrifício e a renúncia que, em seu nome, me disponho a fazer. Rompo, aí, com a sociedade, e esta ruptura terá, inevitavelmente, profundas repercussões intrapsíquicas, que irão sacudir, sob a forma de um abalo sísmico, os fundamentos do pacto primordial com o Pai simbólico – e com a Lei da Cultura. (grifo nosso)*

Fez-se essa incursão no artigo de Hélio Pellegrino exatamente para que se pudesse alcançar, o leitor compreendendo, o ponto que se segue, a respeito da ruptura do pacto social, suas origens-consequências de base psíquica, e, sob tal inspiração pellegriana, se procedesse a uma transposição de seu raciocínio para a questão ambiental. Considerará Pellegrino:

*A ruptura com o pacto social pode implicar a ruptura, ao nível do inconsciente, com o pacto edípico. Não nos esqueçamos que o pai é o primeiro e fundamental representante junto à criança da Lei da Cultura. Se ocorre, por retroação, tal ruptura, fica destruído, no mundo interno, o significante paterno, o Nome-do-Pai e, em consequência, o lugar da Lei. Tal desastre psíquico vai implicar o rompimento da barreira que impedia, em nome da Lei, a emergência dos **impulsos delinquentiais pré-edípicos, predatórios, parricidas, homicidas e incestuosos. Assistimos a uma verdadeira volta do recalçado.** Tudo aquilo que ficou reprimido ou suprimido – em nome do pacto com o pai – vem à tona sob forma de conduta delinquente e anti-social.*

(...) Sociopatia e delinquência são faces de uma só moeda. A ruptura com o pacto social precipita, com grave frequência, a ruptura com a Lei da Cultura. É preciso mudar o modelo econômico e social brasileiro por uma questão de higiene mental, moral e política. Por uma questão de vergonha.(grifo nosso)

Pellegrino cria uma visão atualizada de ruptura, desmanche, dissolução, *liquidez* do pacto social, aquele que deveria manter hígida a sociedade, mas que ao falhar pelas mãos de um dos pactuantes (a sociedade, o aparelho estatal, a mídia, o interesse produtivo e de consumo), que trai o acordo, negando à outra parte o reconhecimento digno e compensador a seu esforço de perda (a castração), lança-nos a todos no turbilhão de destruição e de perplexidade tão fortemente característico dos dias do agora.

A lógica antro-po-sicanalítica do raciocínio de Pellegrino pode ser extrapolada para outras relações do ser humano com a sociedade que não somente as relações trabalhistas. Fiquemos com a de nosso interesse.

Uma relação de amor do humano para com sua cidade, a natureza, somente será viável na medida em que seus direitos como cidadão sejam minimamente respeitados. Se isso não acontece poderá haver uma **ruptura do pacto ambiental**. O cidadão e a cidadã, nos dias atuais, é convocado a assumir perdas, castrações várias, repetidamente, em atendimento a um discurso civilizatório completo (holístico), e bem ou mal o faz. Todavia, constata repetidamente que as autoridades externas (governo, religiosos, cientistas, classes elitizadas instituídas), representantes ou sucedâneos do Pai, não honram seu papel, *fazendo* diferentemente do que falam e incitam (eis aí a real falta da Ética), inclusive no importante aspecto ambiental, posto que as instituições mais vilipendiadoras da integridade ambiental são, exatamente, os governos, com suas políticas produtivas fora e acima de controles, e o Capital, com sua sede especulativa insubordinável. Ora, então aquele que está do outro lado da mesa de negociações para que *sustentemos* o pacto, não é ético e tem uma atitude capciosa, ou seja, é a antítese do Pai primordial, inspirador da lei e do respeito. Eles, enfim, não merecem meu acatamento nem meu sacrifício de renúncia. Não havendo mais o pacto primeiro, a figura do pai e as interdições, não há porque preservar seja lá o que for, principalmente, repita-se, quando os próprios governos e seus parceiros, as multinacionais e a mídia, adotam o discurso da conservação

AZEVEDO, Fausto A. Endossustentação para a sustentabilidade. **RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 164-184, jun. 2011.

ambiental, porém **nada mais sendo do que um modismo conveniente**; e logicamente isso é visto então como mais um engodo e mais uma apropriação indevida de vantagens unilaterais decorrentes da ruptura do pacto por parte dos dominantes.

ALGUMA SÍNTESE

Nossas pulsões (sobrecargas de energia buscando descarregamento), emaranhando-se em suas conformações, podem levar, por falha de formação psíquica e por falha civilizatória, a atitudes e comportamentos destruidores (para dentro ou para fora do eu).

A desinteligência atual de uma organização social que não favorece a condição civilizadora desde o início da vida do ser pode levar à falência das relações objetivas e a todo o fracasso do estabelecimento de relações saudáveis daí decorrentes.

O atraiçoar do pacto social (sob todos seus semblantes, com destaque aqui para um *pacto ambiental*), quando o cidadão é induzido a abrir mão de satisfações para que seja gerado um benefício comum, contudo constata atônito que o discurso oficial é mentiroso, posto que as autoridades (repetimos – sociais, políticas, governamentais, científicas, eclesiásticas) não praticam o que falam, pode levar a uma degenerescência do ganho edípico e a um retorno ao estado primitivo de desrespeito às leis e tabus e expansão *egoísta* (narcísica) do eu.

Eis aí três traços teóricos (fundamentais) tentativos de ajuda na busca de compreensão para nossos graves descontroles de cuidado ambiental. Descontrolamos nós, individualmente, descontrolam-se, também, organizações e governos. Não há um só indicador adequado e crível que possa mostrar qualquer real ganho de qualidade ambiental nas últimas décadas em escala planetária. Por esse prisma, parece que não nos encaminhamos para um futuro muito alvissareiro.

E, paradoxalmente, nos dias presentes temos estado sob o reinado da *sustentabilidade*. Abrimos este artigo registrando tal fato.

Entretanto, ainda que superemos o nefasto modismo, e as sustentabilidades (pelo menos a *ambiental*, a *econômica*, a *social*) possam evoluir no campo de aplicação de suas potencialidades técnicas, parece-nos que mesmo o bom resultado, se houver, será desprovido de eficácia, isto porque gerar práticas sustentáveis eficazes para a sociedade que somos fica a simular que se coloque um telhado de ouro maciço por sobre uma casa de alicerces de algodão. A sustentação precisa, primeiro, ser buscada a partir do interior de cada um. Sem seres humanos mentalmente sustentados não haverá sustentabilidade, de nenhum tipo. A tarefa é mais gigantesca do que nunca e compete a cada qual. A *endossustentação* da substância psíquica e das qualidades do caráter e do espírito é que poderão trazer a sustentabilidade ambiental. Por a carroça na frente dos bois até pode ser divertido por algum tempo, mas esse experimento, sempre que feito, tem, inevitavelmente, gerado resultados ineficazes...

NOTAS

ⁱ sustentabilidade (sus.ten.ta.bi.li.da.de) sf.

1. Qualidade ou condição de sustentável

2. Ecol. Econ. Modelo de desenvolvimento que busca conciliar as necessidades econômicas, sociais e ambientais de modo a garantir seu atendimento por tempo indeterminado e a promover a inclusão social, o bem-estar econômico e a preservação dos recursos naturais; DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

[F.: sustentável + -(i)dade, segundo o modelo erudito.]

(iDicionário Aulete -

http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=sustentabilidade).

ⁱⁱ Palestra “Jornalismo, Ética e Sustentabilidade” proferida na entrega do 3º Prêmio Caixa-Unochapecó de Jornalismo Ambiental, em Chapecó/SC. Disponível em *Observatório da Imprensa*, edição 582, de 23/03/2010. (Ver: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo-etica-e-preocupacao-ambiental>. Acessado em 27/06/2011.)

ⁱⁱⁱ *A comunicação da sustentabilidade* em:

<http://intertox.com.br/index.php/br/component/content/article/96-ambiente-em-manchete/453-fausto-azevedo-marcus-da-matta-douglas-siqueira>

^{iv} *Revista Idéia Sustentável*, Ed. 22, dez/2010, p. 41-3.

<http://www.gife.org.br/artigo-onze-tendencias-de-comunicacao-da-sustentabilidade-14094.asp>.

^v Ver a interessante linha do tempo da obra publicada em

http://www.google.com/search?q=primavera+silenciosa&hl=pt-BR&client=gmail&sa=X&rls=gm&tbs=tl:1,tl_num:100&prmd=ivnsb&ei=ZJaHTerAGsv3gAfTnsDTCA&ved=0COEBEMsBKAQ

^{vi} Meadows, D.H.; Meadows, D.L.; Randers, J. *The limits to growth: a report for the Club of Rome's Project on the predicament of mankind*. New York: Universe Books and Potomac Associates, 1972. 21p.

^{vii} Ver <http://www.unep.org/Documents.Multilingual/Default.asp?documentid=97>

^{viii} Ver http://europa.eu/legislation_summaries/environment/nature_and_biodiversity/l28050_pt.htm.

^{ix} Ver

<http://www.apambiente.pt/INSTRUMENTOS/CONVENCOESACORDOSMULTILATERAIS/CLRTAP/Paginas/default.aspx>.

^x Ver <http://ozone.unep.org/>.

^{xi} Ver http://en.wikipedia.org/wiki/Our_Common_Future e <http://www.un.org/documents/ga/res/42/ares42-187.htm>.

^{xii} Ver http://europa.eu/documentation/official-docs/green-papers/index_pt.htm.

^{xiii} Ver <http://www.un.org/geninfo/bp/enviro.html>.

^{xiv} Ver <http://www.eea.europa.eu/>.

^{xv} Ver <http://unfccc.int/resource/docs/convkp/kpeng.html>.

^{xvi} Ver <http://www.un.org/jsummit/> e

http://www.un.org/esa/dsd/index.shtml?utm_source=OldRedirect&utm_medium=redirect&utm_content=dsd&utm_campaign=OldRedirect.

^{xvii} Ver <http://www.uncsd2012.org/rio20/index.php?menu=47>.

^{xviii} Azevedo, F.A. 80 anos depois: um mal-estar ambiental. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 4, n. 1, p. 96-137, fev. 2011.

^{xix} Lasch, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

^{xx} Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, p. 73-148.

- xxi Guattari, F. *As três ecologias*. 11^a ed. 2001. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Revisão: Josiane Pio Romera, Regina Maria Seco e Vera Luciana Morandim. Título original em francês: *Les trois écologies*. © Éditions Galilée, 1989.] 1^a Edição eletrônica. Revisada por TupyKurumin www.tupykurumin.wd2.net . p. 7.
- xxii Idem, p. 30.
- xxiii Como se sabe, há grande discussão entre os estudiosos de Freud não alemães quanto à forma mais correta de se traduzir a palavra germânica *trieb*, pois ela tem sido traduzida por instinto e por pulsão. Veja-se como esclarece o assunto a Enciclopédia Britânica: “Although Sigmund Freud, the founder of psychoanalysis, wrote in German, he used the German word **Instinkt** infrequently. He instead relied upon the term **Trieb**. While **Instinkt** generally refers to an automatic, unlearned, stereotyped response to a specific stimulus and hence is close to the English **reflex**, **Trieb** connotes urge, impulse, *impetus*, and *desire*—what in motivational psychology is called *drive*. According to the **Oxford English Dictionary**, this is the oldest description recorded for **instinct**, making it cognate with **instigate**.” (<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/289249/instinct/281044/Freuds-Trieb> - acesso em 17/10/2010)
- xxiv Mas ficamos a cogitar imaginando o que acontece quando se lança um bumerangue. Se o mal-estar vem de dentro e não do mundo exterior, o que não questionamos, se ele se projetar no externo por meio de operações negativas, destruidoras de valores e patrimônios, talvez ele retorne dessa sua viagem mais sinergizado ainda por energia negativa.
- xxv Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago Editora, Obras Completas, vol. XXI, p. 116.
- xxvi Idem, p. 122-123.
- xxvii Freud, S. *Mais além do princípio do prazer* (1920). Obras Completas, Vol. XVIII. (Disponível em <http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemdoprincipiodeprazer.pdf>, p. 20. Acessado em 26/06/2011.)
- xxviii Idem. p. 27.
- xxix Pereira, S. W. *As pulsões de morte e seus derivados: os avatares da teoria*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. p. 342.
- xxx Martins, A. *Pulsão de Morte?* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 385 p.
- xxxi Spitz, R. A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- xxxii Roudinesco, E., Plon, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 727.
- xxxiii Laplanche, J. *Vocabulário de Psicanálise / Lapanche e Pontalis*. 4^a. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001. p. 443.
- xxxiv Spitz, R. A. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 302.
- xxxv Idem p. 304-5.
- xxxvi Idem p. 305-6.
- xxxvii Pellegrino, H. *Pacto edípico e pacto social - da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira*. Publicado no suplemento Folhetim da Folha de S.Paulo em 11 de setembro de 1983. Disponível em <http://busk.com/news/pacto-edipico-e-pacto-social-sociedade-paulista-de-psicanalise> e <http://freudexplicablog.blogspot.com/2010/08/pacto-edipico-e-pacto-social-da.html>. (Acessados em 27/06/2011.)